

INCLUSÃO DE ESTUDANTES NAS PRÁTICAS CORPORAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PÓS-PANDEMIA DA COVID-19

INCLUSIÓN DEL ALUMNADO EN LAS PRÁCTICAS CORPORALES DE EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR TRAS LA PANDEMIA DE COVID-19

INCLUSION OF STUDENTS IN THE CORPORAL PRACTICES OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AFTER THE COVID-19 PANDEMIC

Antônia Batista Marques¹ 

Airton de Lima Oliveira² 

Cristiane de Sousa Moura Teixeira³ 

Resumo

O mundo vivenciou entre os anos de 2020 E 2023 uma pandemia que exigiu, além do isolamento social, a reorganização das atividades profissionais de Educação Física Escolar e, com o retorno das aulas presenciais, os docentes tiveram que reinventar sua prática, visto que a educação mudou nos últimos anos. Este trabalho objetiva discutir as significações de professores de Educação Física acerca do processo de inclusão de estudantes dos anos finais do ensino fundamental nas práticas corporais da Educação Física Escolar no retorno às aulas presenciais pós-pandemia da Covid-19. O estudo fundamenta-se na Psicologia Sócio-Histórica, o *lôcus* da pesquisa se encontra em uma escola no município de Icó, Ceará, Brasil. As categorias definidas *a priori* para o estudo são: Historicidade, Totalidade, Mediação, Sentidos e Significados, e Atividade, e para sua análise foram utilizados os Núcleos de Significação. Os resultados apontam como limites para a inclusão de alunos nas práticas corporais a diversidade da realidade escolar, a falta de recursos didáticos, dificuldades para trabalhar com pessoas com deficiência, a inclusão de gênero e a falta de interesse dos estudantes. Como possibilidades para o enfrentamento desses limites, são mencionados o potencial da Educação Física Escolar como componente curricular, a mediação do professor, o que envolve, as relações afetivas e o apoio incondicional de toda a escola e dos órgãos públicos.

¹ Doutora em Educação. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Faculdade de Educação (UERN). Mossoró. Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: antoniabatista@uern.br

² Mestre em Educação. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Faculdade de Educação (UERN). Mossoró. Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: airtonoliver86@gmail.com

³ Doutora em Educação. Universidade Federal do Piauí (UFPI). Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED). Teresina. Piauí. Brasil. E-mail: cristianeteixeira@ufpi.edu.br

Como referenciar este artigo:

MARQUES, Antônia Batista; OLIVEIRA, Airton de Lima; TEIXEIRA, Cristiane de Sousa Moura. Inclusão de estudantes nas práticas corporais da educação física escolar pós-pandemia da Covid-19. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 27, e8260, 2025. DOI: <http://doi.org/10.22196/rp.v22i0.8260>

Palavras-chave: Educação Física. Práticas corporais. Inclusão. Atividade docente. Pandemia da Covid-19.

Resumen

Entre 2020 y 2023, el mundo vivió una pandemia que exigió, además del aislamiento social, la reorganización de las actividades profesionales de Educación Física Escolar y, con el regreso a las clases presenciales, los profesores tuvieron que reinventar su práctica; ya que la educación cambió en los últimos años. Este trabajo tiene como objetivo discutir los significados de los profesores de Educación Física sobre el proceso de inclusión de los alumnos de los últimos años de la educación primaria en las prácticas corporales de la Educación Física Escolar en el regreso a las clases presenciales después de la pandemia de la Covid-19. El estudio se basa en el método de la psicología socio-histórica; el lugar de la investigación es una escuela de educación primaria en sus últimos años, en el municipio de Icó, Ceará, Brasil. Las categorías definidas a priori para el estudio son: Historicidad, Totalidad, Mediación, Sentidos y Significados, y Actividad; para analizarlas se utilizaron los Núcleos de Significación. Los resultados apuntan como límites a la inclusión de los estudiantes en las prácticas corporales la diversidad de la realidad escolar, la falta de recursos didácticos, dificultades para trabajar con personas con discapacidad, cuestiones de inclusión de género y la falta de interés de los estudiantes. Como posibilidades para afrontar estos límites, se mencionan el potencial de la Educación Física Escolar como componente curricular, la mediación docente, que involucra las relaciones afectivas y el apoyo incondicional de todo el colegio y de los órganos públicos.

Palabras clave: Educación Física. Práticas corporales. Inclusión. Actividad docente. Pandemia de Covid-19.

Abstract

Between 2020 and 2023, the world experienced a pandemic that required, in addition to social isolation, the reorganization of professional activities in school Physical Education and, upon returning to face-to-face classes, teachers had to reinvent their practice; since education changed in recent years. This work aims to discuss the meanings attributed by Physical Education teachers regarding the process of including students from the final years of primary school in the bodily practices of School Physical Education when they returned to face-to-face classes after the Covid-19 pandemic. The study is based on the method of socio-historical psychology; the locus of the research is a school in the final years of primary education in the municipality of Icó, Ceará, Brazil. The categories defined a priori for the study are: Historicity, Totality, Mediation, Sense, Meaning, and Activity; for their analysis, the Nuclei of Meaning were used. The results indicate as limits to the inclusion of students in bodily practices the diversity of the school reality, the lack of teaching resources, difficulties in working with people with disabilities, gender-related inclusion, and the lack of student interest. As possibilities for confronting these limits, the study highlights the potential of School Physical Education as a curricular component; the role of teacher mediation, which includes affective relationships; and the unconditional support of the entire school and public bodies.

Keywords: Physical Education. Body Practices. Inclusion. Teaching Activity. Covid-19 Pandemic.

Introdução

O mundo vivenciou entre os anos de 2020 e 2023 uma pandemia que exigiu, além do isolamento social, a reorganização das atividades profissionais, e especificamente a Educação Física Escolar (EFE), cujos docentes precisaram reorganizar suas atividades de modo que pudessem ser realizadas e acompanhadas remotamente. Assegurar a forma correta do desenvolvimento das atividades, sobretudo aquelas que dizem respeito às práticas corporais, esteve entre os desafios enfrentados naquele contexto (Moises; Lopes, 2022). Passados esses três anos, vivemos ainda um contexto denominado por nós de pós-pandemia, e que ainda nos coloca diante de limites e possibilidades no processo de inclusão.

Dito isto, a Educação Física, no período de isolamento social, foi desafiadora, havendo implicações sobre a forma de apreender e vivenciar os jogos, danças, brincadeiras, lutas e as demais práticas corporais, e apesar de se fundamentar no movimento, exige ainda, no momento, instrumentos e recursos virtuais, que no isolamento social instituiu aos sujeitos algo que já era sentido por uma parcela consideravelmente marginalizada do convívio social e das vivências nas aulas de Educação Física e outras atividades escolares (Moises; Lopes, 2022).

Segundo Silva, Machado e Fonseca (2021), é importante destacar o trabalho dos docentes de Educação Física no ensino remoto; as aulas puderam chegar de formas diferentes aos alunos, sendo necessário que a escola refletisse sobre os processos de inclusão. Dessa forma, a Educação Física, como componente curricular obrigatório, tem a responsabilidade de se constituir como elemento essencial para a Educação Inclusiva. Vale ressaltar que, durante o ensino remoto, os docentes não interromperam suas atividades; pelo contrário, buscaram novos métodos para aprimorar suas práticas escolares (Silva; Sousa; Menezes, 2024).

Mesmo que a EFE tenha um papel fundamental no processo de inclusão no espaço educacional, realizado também por meio das práticas corporais, ainda existem barreiras a serem superadas para que as atividades alcancem todos os estudantes. Por isso, é importante trazer não apenas discussões, mas também reflexões resultantes de pesquisas, a fim de contribuir para o avanço do processo de inclusão de estudantes nas práticas inclusivas da EFE.

Com a retomada das aulas presenciais, as práticas corporais na EFE devem ser planejadas e implementadas o mais próximo possível da realidade local, principalmente no que se refere ao período pós-isolamento social. Devemos olhar para o interior de nossas escolas e adotar novas perspectivas, a fim de compreender a realidade da comunidade escolar e refletir sobre como era o processo de inclusão dos estudantes antes e durante a pandemia, de modo que possamos avançar na inclusão no período pós-pandemia da Covid-19.

Montoan (2003) descreve que é necessário primeiramente conhecer e valorizar a diversidade existente dentro da escola, sem discriminar nem agregar os estudantes. De tal modo, acreditamos que as dificuldades, embora existam nas instituições públicas de ensino, tornam-se de alguma forma potencializadoras para contribuir na (re)construção de um processo de inclusão mais efetivo nas práticas corporais de EFE e para pensar nos obstáculos do cotidiano do professor no que concerne a esse processo.

Dessa forma, este artigo tem o objetivo de discutir as significações de professores de Educação Física acerca do processo de inclusão de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental nas práticas corporais da EFE no retorno às aulas presenciais pós-pandemia da Covid-19.

Este estudo é ancorado no aporte teórico-metodológico da Psicologia Sócio-Histórica, desenvolvida por Lev Semionovtch Vigotski, em colaboração com Alexander Romanovich Luria e Alexei Leontiev, que, por vez, têm raízes e se fundamentam no Materialismo Histórico-Dialético. Foram utilizados como procedimentos a entrevista reflexiva para a produção das informações e a proposta dos Núcleos de Significação (Aguiar; Ozella, 2006; Aguiar; Soares; Machado, 2015; Aguiar; Aranha; Soares, 2021). Usamos as seguintes categorias teórico-metodológicas: Historicidade, Totalidade e Mediação, relativas ao Materialismo Histórico-Dialético e as categorias Sentidos e Significados e Atividade, relativas à Psicologia Sócio-Histórica.

1 Aporte teórico-metodológico

O Materialismo Histórico-Dialético nos dá a possibilidade de interpretar a

realidade estudada. Para Aguiar, Carvalho e Marques (2020), o Materialismo Histórico-Dialético torna-se uma investigação científica da teoria e método a ser aplicada, pois as condições da apreensão mais rígida da realidade serão investigadas, o que exige conhecer sua dinâmica, estrutura e, em seguida, desenvolver estratégias para a transformação da emancipação humana.

Nessa mesma direção, a Psicologia Sócio-Histórica possibilita ir além da realidade do fenômeno pesquisado, não se concentrando apenas nos fatos, mas buscando explicar o processo da constituição do objeto estudado em seu percurso histórico (Aguiar; Ozella, 2013). Deste modo, a Psicologia Sócio-Histórica leva consigo uma possibilidade de crítica e não apenas a partir da intencionalidade de quem o produz, mas em seus fundamentos teóricos e epistemológicos (Bock, 2015). Portanto, as categorias a serem apresentadas, Totalidade, Mediação, Historicidade, Atividade e Sentidos e Significados contribuíram para alcançarmos o objetivo deste estudo.

Para Kahhale, Rosa e Sanchez (2020), a categoria Totalidade se implica na articulação dialética quando o singular e o plural estão imbricados dialeticamente um no outro. Em outras palavras, o singular demonstra as dimensões do plural ou até mesmo do todo que constitui, articulando dialeticamente as variadas possibilidades das singularidades do fenômeno.

Compreendendo isto, acreditamos que a categoria Mediação é advinda do meio social em que se relacionam para novas aprendizagens e constituições. Sendo assim, "a categoria mediação não tem, portanto, a função de apenas ligar a singularidade e a universalidade, mas de ser o centro organizador objetivo dessa relação" (Aguiar; Ozella, 2013, p. 302).

Tendo como base esses pressupostos, a categoria Historicidade contribui para explicarmos o fenômeno investigado, considerando que estudar qualquer coisa historicamente significa pesquisar seu processo de mudanças, requisito básico no método dialético (Vigotski, 2007). A categoria Atividade contribui para a explicação de conhecimentos constituídos historicamente e coletivamente. Conforme Moura (2022), é por meio da Atividade que o sujeito transforma o mundo natural em mundo social.

As categorias Sentidos e Significados nos ajudam a explicar a essência da subjetividade do sujeito em sua realidade, visto que o sentido representa o meio social subjetivo da consciência do homem em seu processo constitutivo, e o significado objetiva a materialidade da realidade. Assim, mesmo sendo distintas, na dialética imbricam-se mutuamente sem se confundir ou se diluir (Gomes, 2018).

O método da pesquisa permite perceber a amplitude e a importância para a pesquisa, pois acreditamos que a Psicologia Sócio-Histórica juntamente com as categorias teórico-metodológicas nos possibilitam compreender as vivências dos docentes de Educação Física nos espaços escolares e como o processo de inclusão de estudantes está sendo direcionado.

Dito isto, reiteramos a importância de estudar o objeto de estudo a partir da Psicologia Sócio-Histórica, tendo em vista que essa teoria tem potencial para explicar o real, evidenciando que este é multideterminado. A teoria evidencia seu valor ao explicar a significação (significados e sentidos) como função psicológica superior e, portanto, forma-se e se desenvolve na relação da vida social. Nesse sentido, a Psicologia Sócio-Histórica postula que o real, ao ser internalizado pelo indivíduo, desenvolve as funções psicológicas superiores, de tal forma que é na relação dialética entre indivíduo e realidade que produzimos as significações.

O *lôcus* da pesquisa é o município de Icó-CE, localizado no Nordeste brasileiro, no estado do Ceará. A cidade está situada na região Centro Sul do estado, a aproximadamente 300 km de Fortaleza-CE e 100 km de Juazeiro do Norte-CE. Icó é a terceira cidade mais antiga do estado, tendo mais de 65 mil habitantes e sendo berço de patrimônios históricos e histórias encantadoras.

Para a escolha da escola, seguimos alguns critérios: 1- estar localizada no município de Icó; 2- ofertar ensino fundamental, anos finais; e 3- localização na sede da cidade pesquisada. Para a escolha dos sujeitos participantes, priorizamos o contexto pessoal, social e profissional. Assim, para sua seleção, usamos alguns critérios: disponibilidade dos docentes para participar voluntariamente da pesquisa; lecionar na instituição e na etapa de ensino previamente selecionadas; ter formação em Educação Física, licenciatura ou licenciatura plena. Para a caracterização dos docentes, os pseudônimos José e Nativo foram escolhidos pelos próprios participantes.

Empregamos a entrevista reflexiva, por considerá-la, um procedimento de grande potencial para compreender a importância da trajetória e construção das significações dos sujeitos. De acordo com Szymanski (2003), as entrevistas em que os sujeitos estão face a face são fundamentais para a interação humana, pois estão em jogo visões de si e do outro, expectativas, sentimentos, constituição de sentidos e entre outros que levam ao protagonismo – entrevistador/res e entrevistado/s.

Nessa direção, por meio da entrevista reflexiva o sujeito pode revelar em sua narrativa novos aspectos e nos dar uma possibilidade de refletir sobre como o processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais está sendo desenvolvido nas aulas de EFE. Antes de entrar em contato com os docentes, foi necessário seguir as etapas da entrevista reflexiva. Elaboramos o roteiro para sua entrevista, buscando produzir reflexões acerca do objeto de estudo, fizemos o contato inicial para que os participantes ficassem cientes de como a entrevista aconteceria, sendo informados sobre a origem do tema e seus objetivos.

Dando sequência, começamos com a condução da entrevista, momento em que apresentamos formalmente a pesquisa aos participantes e produzimos as informações necessárias, por meio do roteiro da entrevista. Em seguida, fizemos a transcrição das falas e a devolutiva aos participantes. Para Szymanski (2003), a devolutiva é a exposição anterior do pesquisador acerca das falas dos sujeitos da pesquisa, quando são apresentadas a transcrição das entrevistas e uma pré-análise para a consideração dos entrevistados.

A análise e interpretação foram realizadas com a proposta dos núcleos de significação elaborados por Aguiar e Ozella (2006, 2013) e reelaborada por Aguiar, Soares e Machado (2015). Esse procedimento se deveu justamente à intenção desta pesquisa ir além da realidade dos docentes sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais no ambiente escolar no retorno das aulas presenciais pós-isolamento social causado pela pandemia da Covid-19.

Os núcleos de significação apresentam quatro etapas: leitura flutuante; levantamento de pré-indicadores; sistematização de indicadores e sistematização dos núcleos de significação (Aguiar; Soares; Machado, 2015). Desta forma, as significações dos sujeitos são apreendidas e explicadas por meio das categorias

teórico-metodológicas para o estudo apresentado.

A leitura flutuante é, primeiramente, uma leitura minuciosa sobre as informações produzidas na pesquisa, quando o pesquisador irá ler e reler o material, sem o intuito de encontrar aspectos únicos ou até mesmo categorizar as informações, mas aprofundar o conhecimento sobre todo o material coletado de sua realidade específica, conforme Aguiar, Aranha e Soares (2021).

De acordo com Aguiar e Ozella (2013, p. 309), os pré-indicadores são “trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado”. Sistematizamos as informações logo após a leitura flutuante, organizando os trechos de falas e palavras compostas por significados em um quadro, contendo as questões norteadoras e as falas dos docentes participantes.

A sistematização dos indicadores consiste em apreender o modo como os pré-indicadores vão se articulando, constituindo formas de significação da realidade (Aguiar; Soares; Machado, 2015). Nessa etapa, realizamos uma leitura aprofundada dos pré-indicadores, construindo a primeira versão dos indicadores, em seguida, fizemos a releitura, refizemos os indicadores e concluímos sua segunda versão.

A sistematização dos núcleos de significação é o momento especialmente concentrado na síntese e análise do trabalho. Nesse ponto, há necessidade de superar o discurso aparente do sujeito em seu meio social e cultural, visando, por meio do “processo de articulação dialética” (Aguiar; Soares; Machado, 2015), à superação do discurso aparentemente descolado da realidade social e histórica.

Depois de seguirmos todas as etapas, sintetizamos as significações de professores sobre a inclusão de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental nas práticas corporais da Educação Física Escolar no retorno das aulas presenciais pós-isolamento social causado pela Covid-19, em um núcleo de significação, analisado em seguida.

1.1 Significações de professores sobre a inclusão de estudantes nas práticas corporais de Educação Física Escolar

Esta seção discute o núcleo de significação intitulado “Inclusão nas práticas corporais pós-pandemia da Covid-19: limites e possibilidades”, resultante da

articulação de 66 pré-indicadores e cinco indicadores. Traz a análise e interpretação do referido núcleo, destacando seus indicadores, nomeados a partir de termos expressados pelos sujeitos da pesquisa, bem como falas que se constituíram em pré-indicadores.

No indicador 1 – Práticas corporais: movimento envolve ludicidade, cria um elo de proximidade e necessita de recursos – os professores falam sobre reinventar as práticas apontando a Educação Física como um movimento que envolve os estudantes no que se refere à contribuição das práticas corporais para a socialização, aproximação e a relação com os demais, destacando a falta de material como dificuldade para a realização das atividades.

O movimento está presente em quaisquer práticas corporais da EFE, seja pela dança, ginástica; enfim, qualquer atividade relacionada à disciplina e à cultura corporal do movimento deve integrar a EFE. Sobre isso, os docentes expressam:

[...] envolve momento de ludicidade, não é só a prática esportiva em si, a prática do movimento, mas, intrinsecamente envolve um momento de ludicidade, onde eles se divertem, você se diverte e aí, acaba criando um elo de troca de informação e de a proximidade (Nativo).

[...] o nosso curso é movimento né, acho que é, acho não, entendo que é uma das mais importantes pra gente, é a questão do movimento, trazer, trabalhar com esses alunos a questão do movimento, da conscientização corporal desses alunos, através da dança, dos esportes radicais, até mesmo do futsal e do futebol que é o que eles mais gostam de fazer (José).

As falas evidenciam que a EFE não se restringe à prática esportiva, mas envolve as práticas corporais do movimento no âmbito educacional e cria um elo entre os estudantes. Dessa forma, o movimento é essencial para a realização das práticas na escola, dada a necessidade do desenvolvimento da consciência corporal dos estudantes e por meio dela, formar o sujeito social e cultural, oportunizando vivenciar e experimentar as práticas corporais em sala de aula e fora dela. Com isto, entendemos a relevância da prática em movimento, pois é por meio das práticas corporais que podemos criar afetos, contribuindo para que os estudantes possam levar valores e compreensões sobre si e o mundo.

Nesse sentido, as práticas corporais e sua expressão criativa constituem um conjunto de possibilidades de interação e comunicação que busca possibilitar os vínculos e relações entre si e com a natureza humana quando chamamos de

corporeidade. Essas práticas resultam também nas relações no meio social dos sujeitos (Oliveira, 1999), contribuindo para o processo de inclusão na escola. O docente relata:

[...] as práticas corporais elas atraem, elas são atrativas [...] despertam nos estudantes um certo prazer, uma certa alegria e isso atrai, isso faz com que eles venham permanecer na escola, desperta o interesse de participar de eventos em que a escola realiza e acaba por fim contribuindo com a inclusão (Nativo).

A fala acima manifesta o lugar das práticas corporais para a formação de estudantes, que vai para além dos muros escolares. Certamente pelo fato da EFE ser uma das disciplinas favoritas e que atrai e desperta nos estudantes satisfação pelas práticas corporais, contribuindo para a permanência na escola e despertando o interesse em participar, o que pode tornar possível a inclusão nas aulas.

Assim, a inclusão nos espaços escolares é um processo que exige sensibilidade para que se possa acolher todos os alunos na escola (Paula; Kochhann, 2020). Esse ponto de vista ressalta o papel importante do docente para a inclusão; Mantoan (1999, p. 23) descreve que o processo de inclusão provoca incômodo, tendo em vista que é necessária uma formação de professores adequada para o contexto escolar, além da necessidade de se modernizar atendendo a todos os sujeitos, sem preconceitos ou discriminação, na escola ou na sociedade. Mas, para isso, é preciso que haja uma política e iniciativa de maior porte, que assegurem aos docentes recursos materiais para realizar as práticas corporais de modo a contribuir para a formação dos estudantes.

Por isso, compreendemos a importância de trazer a EFE em sua realidade subjetiva, permitindo olhar para seu componente curricular na visão de professores de Educação Física, de sua realidade escolar, enxergando o interior da prática docente, na qual, dentre outros limites, existe a falta de recursos didáticos. Isso podemos verificar nas palavras de Nativo, ao afirmar que: “[...] não tem condições da gente praticar certas práticas corporais sem material, existe uma carência, o aluno vai ficar descoberto dessas informações e para isso, requer uma maior participação, um maior investimento”.

Essa fala evidencia que a falta de material e a escassez de investimento na EFE dificultam a realização de certas práticas pedagógicas, prejudicando a formação integral do aluno e a sua compreensão do conteúdo, o que ressalta a necessidade de priorizar e ampliar os investimentos nessa área, principalmente na aquisição de material didático, pois o seu uso tem se mostrado significativo na realização das práticas pedagógicas da Educação Física (Farias; Impolcetto; Benites, 2020).

Nesse sentido, entendemos que os gestores dos sistemas educacionais devem garantir recursos para que o docente realize as práticas corporais ou quaisquer outras atividades da EFE de forma a contribuir para o desenvolvimento dos estudantes. Em síntese, apreendemos que as significações dos docentes sobre como as práticas corporais contribuem para o processo de inclusão.

Esse indicador evidenciou significações acerca das práticas corporais, as quais envolvem movimento, ludicidade e proximidade. Essas significações resultam não apenas da vivência como professores, mas sobretudo do processo formativo. Os professores revelam o conhecimento acerca da sua profissão, no entanto, a efetivação de tais práticas é mediada pelas condições materiais, o que fica evidente quando os professores pesquisados relatam a falta de materiais fundamentais para a realização de suas atividades. É nesse sentido que podemos afirmar que nossa atividade profissional, assim como a nossa consciência, não se descola da realidade social mais ampla.

O indicador 2 – Inclusão nas práticas corporais: não é tarefa fácil, crianças com laudo, companheirismo do conjunto – contém significações dos docentes sobre as vivências escolares e como as práticas corporais têm sido importantes para a inclusão de todos os estudantes nas aulas. Sobre isso, os docentes dizem:

[...] você tem que ter um olhar diferente, um olhar de respeito e de inclusão, você tem que colocar essas pessoas para participar, trazê-los pra perto da escola [...] (José).

A inclusão de forma, eu sempre defendi que todos tem direito, independentemente da sua capacidade, ninguém nasce sabendo de tudo, todos tem direito a participação independentemente da capacidade física, então, pra mim, a inclusão é crucial [...] (Nativo).

Essas falas apresentam significações dos docentes sobre a inclusão de estudantes, evidenciando a necessidade de ter um olhar diferente, perceber as diferentes subjetividades e peculiaridades dentro da sala de aula, visando ao respeito e à inclusão, buscando atividades que incluam a participação de todos os estudantes. Para isso, é necessário que o princípio da igualdade de oportunidades seja respeitado, independentemente de sua condição, considerando a inclusão crucial para a efetivação da educação para todos, isto é, a garantia do acesso e a permanência do estudante na escola.

Compreendemos que as falas dos docentes demonstram significações de que a inclusão precisa ser pensada nos gestos mais simples, tendo em vista que a escola deve ser um ponto de acolhimento e cabe não apenas aos professores, mas a todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar respeitar as diversidades e acolher, para que o ensino prime pela inclusão para além do horário de sala de aula.

Manzini (2010) descreve que é essencial o professor estar atento aos diversos espaços e pessoas que permeiam os mecanismos de ensino; para isso, o docente deve estar bem preparado para lidar com as diferentes situações dentro da sala de aula, sem sair do seu foco principal de mediador (Brito; Teixeira, 2020).

Dito isto, compreendemos a inclusão no sentido amplo, pensando na escola e olhando para dentro, para os sujeitos que fazem parte, as suas subjetividades, as peculiaridades de cada aluno nas aulas de Educação Física. Nativo pondera que:

[...] a Educação Física realmente tem contribuído, mas mesmo diante da contribuição que ela vem dando no processo de inclusão de alunos, não só na disciplina, como também na participação de eventos que a escola atribui, mesmo diante desses valores que existe dentro da disciplina, que possa atrair os alunos [...].

De acordo com essa fala, o docente atribui à Educação Física um papel importante na inclusão dos estudantes, por meio de sua proposta curricular. Desse modo, a EFE tem sido aliada na socialização dos estudantes em sala de aula, avançando no processo de inclusão, porém “nessa direção, o objetivo último das práticas corporais escolares em geral, e da Educação Física em particular, deve ser a humanização das relações sociais” (Oliveira; Oliveira; Vaz, 2008, p. 306).

As práticas corporais estão presentes no componente curricular da Educação Física, podendo ser trabalhadas sob diversas formas para que o aluno possa vivenciá-las, permitindo, com a realização das atividades, trabalhar a inclusão nessas práticas corporais. Sobre a questão de suas atividades escolares e a inclusão, os docentes expressam a seguir:

[...] uma vez até passei um vídeo para eles, que era uma corrida, foi até sobre o atletismo, quando o atleta caiu, aí pausei o vídeo e falei para eles que é muito importante não só ver pelo lado instinto de que poderia vencer a corrida, ele poderia vencer, mas o outro atleta parou, e ajudou o colega, então, para ele aquilo foi mais gratificante até mesmo ganhar a medalha, então, voltando pro lado da inclusão, é isso, você resgatar os valores das pessoas, e da importância do outro, de resgatar a essência do aluno, resgatar aquelas práticas corporais em que seja atrativo pra ele, e tentando buscar aquela essência do aluno, o companheirismo, do conjunto (José).

[...] a inclusão nas atividades, [...] acontece, não vai ser diferente das práticas em quadra, em um ambiente aberto, vai ter aqueles que costumam evitar, sempre vai existir, um ou dois que evitam a participação (Nativo).

As falas relatam a necessidade de resgatar os valores e a essência do aluno, buscando, por meio das práticas corporais, trabalhar o companheirismo; contudo, alguns estudantes evitam participar das atividades.

Isso nos instiga a pensar que a escola precisa estar aberta às possibilidades, ou seja, deve olhar para todos que estão nela inseridos (Martins, 2008). A inclusão nas práticas corporais não é uma tarefa fácil, além da necessidade de estar em constante mudança para que o educando se sinta à vontade em participar. As falas que seguem apontam para isso:

Não é uma tarefa fácil, a gente também tem um grande número de criança que tem problemas né, e está cada vez mais aparecendo o número de crianças com dificuldades cognitivas e outros aspectos como autismo, transtorno [...] (José).

[...] eu gosto de quando falo de inclusão, de falar mais desses que tem problemas mais difíceis de se trabalhar, como por exemplo, os problemas cognitivos ou alguma deficiência, a gente não tem um aluno aqui que tenha uma deficiência como paralisia, é mais dificuldades cognitivas mesmo (José).

[...] você tem que se reinventar tendo as práticas corporais, incluindo os alunos com deficiência, incluindo as meninas, tratando todos por igual para que dessa forma você possa ter uma Educação Física para todos (José).

De acordo com essas falas, a inclusão acontece com a possibilidade de se reinventar diariamente, mas não é uma tarefa fácil, pois os limites que o docente tem estão presentes no espaço escolar, como, por exemplo, o grande número de alunos com laudos ou algum tipo de deficiência ou com problemas cognitivos.

Estas dificuldades impactam no processo de inclusão nas práticas corporais, na medida em que são necessários, além de um bom planejamento pedagógico e de recursos para executar as atividades. Dito isto, Crochík *et al.* (2011, p. 569) destaca que “não basta a escola pensar as contradições existentes fora dos muros escolares, deve também reconhecê-las dentro de si [...]”.

Esse indicador revelou significações dos professores acerca da inclusão dos estudantes, sobretudo aqueles que têm algum tipo de deficiência ou transtorno. Tais significações ressaltam como os professores pesquisados estão se apropriando da atual realidade, uma vez que se torna cada vez mais frequente a presença de alunos atípicos. Porém, também destacam a necessidade de incluir todos, considerando as múltiplas subjetividades presentes no espaço escolar.

No contexto mais amplo sobre a inclusão, é importante destacar nas práticas corporais da EFE a inclusão de gênero; mesmo com diversos avanços, existe essa questão em que, em sua maioria, as práticas corporais só podem ser praticadas por uma parcela dos sujeitos na escola.

O indicador 3 – inclusão e gênero na Educação Física: meninos têm mais interesse nas práticas corporais, atividades não diferenciadas - refere-se ao processo de inclusão de gênero nas práticas corporais, que ainda encontra a resistência de alunos em realizar determinadas atividades em sala de aula, existindo ainda um tabu em relação a essas práticas na escola. Sobre isso, os docentes relatam:

[...] ainda existe aquele tabu que futebol é para meninos, e que menina não joga esse tipo de coisa, que querendo ou não, são coisas enraizadas e cabe a nós professores de Educação Física tentar mudar isso, não é tão fácil, mas a gente tenta. [...] a gente começou a trabalhar nas aulas de Educação Física de que não existe isso, de que é esporte para meninos e esporte para meninas [...] (José).

[...] ainda existe em alguns lugares uma certa exclusão do público feminino nas práticas corporais [...] (Nativo).

As falas abordam a inclusão de gênero como algo que dificulta a participação dos estudantes nas práticas corporais da Educação Física, em virtude da existência de um tabu referente a alguns esportes; a título de exemplo, ainda se tem a ideia de que o futebol é para meninos e não para meninas, o que talvez ocasiona a exclusão do público feminino das práticas corporais.

Porém, não cabe ao professor de Educação Física mudar essa concepção, mas é possível direcionar, com a realização das práticas corporais nas aulas de Educação Física, que não existe um esporte específico para cada gênero. Contudo, conforme Amorim, Fonseca e Brito (2022), as constituições de homens e mulheres são reforçadas em vários aspectos nos ambientes sociais, que de certa forma os/as aproximam e distanciam de práticas escolares e nas aulas de Educação Física, assim, condicionando as desigualdades.

Compreendemos que este debate precisa ir além, pois é na escola que encontramos uma diversidade de sujeitos com realidades distintas. É preciso colocar em pauta as práticas corporais no contexto atual como uma aliada, isto é, não se restringem apenas a um grupo de pessoas ou a um gênero específico; pelo contrário, qualquer pessoa pode realizar qualquer modalidade esportiva, seja esta dança, lutas ou ginástica, dentro e fora da escola.

Nesse sentido, as práticas corporais se inserem na escola como aliadas na socialização entre os sujeitos, contribuindo, assim, em seu processo de inclusão, por não se restringir a apenas determinado grupo, podendo, assim, realizá-las nos espaços formais e não formais. Ainda sobre a inclusão de gênero,

Os meninos têm mais interesse pelas práticas corporais do que as meninas [...] é de suma importância levar para todos eles. [...] eu não diferencio atividade de menino e atividade de menina, embora eles queiram taxar isso como futebol de meninos e carimbada de meninas, mas eu não deixo, se a menina quer participar eu dou espaço a ela e se não quer eu não pego na mão e obrigo ela a participar, eu não digo somente ela, mas no sentido geral (José).

O docente profere que é necessário um olhar de inclusão, visto que todos os sujeitos que fazem parte do espaço educacional precisam ser incluídos, independentemente de gênero, mesmo com a resistência das meninas e o interesse

maior dos meninos; o professor deve levar a inclusão para todos, não trazendo atividades diferentes para menino e para menina, mas buscando atividades que englobe todos no sentido geral.

Compreendemos que o debate sobre a questão de gênero nas escolas, em especial nas aulas de Educação Física, nos leva a entender que tem sido cada vez mais disseminado e visibilizado a sua importância para que então possamos colocar em pauta as lutas pelos direitos igualitários entre os sujeitos.

Podemos citar o quanto o esporte evoluiu: atualmente, vemos destaques não apenas do sexo masculino, mas também das mulheres que vêm se destacando cada vez mais com o passar do tempo. A título de exemplo, nas Olimpíadas de Paris 2024 as atletas da delegação brasileira foram cruciais para a conquista de medalhas, algumas delas foram inéditas para o esporte no Brasil, destaques como o futebol feminino, que pela primeira vez ficou no pódio, assim como outras medalhas importantes conquistadas por mulheres no vôlei, ginástica artística por equipe (primeira vez no pódio) e individual, skate, surfe e judô.

Os dados analisados neste indicador evidenciam significações de inclusão no sentido mais amplo, que envolve incluir todos na atividade esportiva, independentemente da raça, etnia, gênero, na medida em que os professores de EFE colaboram para a superação de tabus constituídos historicamente e que persistem ainda no modo como as pessoas significam determinadas práticas esportivas, a exemplo do futebol. Reafirmamos, portanto, com base em Vigotski (2001), que os significados são produzidos historicamente na relação dialética com a realidade. Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de que as práticas sociais de EFE colaborem para o desenvolvimento das significações.

Dito isso, é necessário pensar nas práticas corporais como caminho para a inclusão, ofertadas a todos os sujeitos inseridos na sala de aula, incentivando os estudantes e mostrando que é possível realizar tal prática dentro e fora dos muros escolares. Portanto, é necessário incentivar as práticas corporais no contexto atual, principalmente no retorno às aulas presenciais, para que os alunos possam se sentir instigados a participar das atividades escolares.

O indicador 4 – Inclusão nas práticas corporais no retorno às aulas presenciais: desinteresse nas práticas corporais, tentar resgatar o aluno – apresenta

visões de docentes de Educação Física sobre o desafio de trabalhar a inclusão nas práticas corporais no retorno às aulas presenciais pós-pandemia da Covid-19. Os professores expressam a importância das práticas corporais da Educação Física para esse retorno.

As relações com os sujeitos no espaço escolar contribuem não apenas para o processo de ensino-aprendizagem, como também para a socialização dos estudantes em seu meio social. A pandemia da Covid-19 causou diversos problemas para o ambiente educacional; em primeiro lugar, fomos pegos de surpresa e tivemos que migrar imediatamente do ensino presencial para o ensino remoto; em segundo lugar, os docentes não foram formados para o ensino remoto; em terceiro lugar, tivemos um distanciamento social, intensificando cada vez mais a exclusão, tendo em vista as desigualdades sociais persistentes no Brasil.

A realização das práticas corporais no retorno às aulas presenciais tem enfrentado algumas dificuldades na sua realização, posto que a pandemia deixou uma lacuna na educação, principalmente em relação ao comportamento dos estudantes em sala de aula, resultando em desinteresse pelas práticas corporais e impondo, dessa forma, obstáculos no campo escolar. Assim:

[...] a gente vem da pandemia, passou muito tempo afastado, eram realmente jovens pequenos e não tiveram essa iniciação às práticas corporais e acabaram desenvolvendo esse desinteresse pelas práticas corporais [...] tive a oportunidade de estar trabalhando na mesma instituição que estou trabalhando hoje, estava trabalhando antes da pandemia e continuei trabalhando pós-pandemia e isso eu consigo perceber que teve uma mudança, alguns alunos, apresentam uma certa dificuldade em participar das práticas corporais (Nativo).

As falas de Nativo expressam a preocupação sobre o isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Para ele, os estudantes ficaram muito tempo afastados da escola, razão pela qual, nesse período não tiveram a iniciação às práticas corporais, o que de alguma forma resultou no desinteresse nas aulas. Percebe-se uma mudança dos estudantes no retorno das aulas presenciais, havendo dificuldade em participar das práticas.

Assim, o isolamento social impactou diretamente na rotina dos alunos da educação básica e ensino superior, ocasionando, um comodismo em relação às

práticas corporais. De certo modo, os “impactos da pandemia tendem a agudizar as diferenças de percurso, aprofundadas também pelas próprias soluções propostas” (Pronko, 2020, p. 123).

Nesses termos, entendemos que é importante destacar não apenas a importância das práticas corporais para resgatar os estudantes, mas colocar em pauta os desafios que esses docentes enfrentam diariamente no espaço de atuação, a fim de que possamos discutir as possibilidades para que a inclusão aconteça de fato no retorno das aulas após o isolamento social. Sobre isso, os docentes afirmam:

[...] quando a gente voltou para as aulas presenciais, que eu inicie como professor nas escolas, eu percebi o desinteresse dos alunos pelas práticas corporais, e isso vem permanecendo [...] (José).

[...] a gente enfrentou certas dificuldades, porque os alunos não queriam voltar pro ensino presencial, tanto o ensino presencial, como a gente acabou de falar, como para as práticas corporais (Nativo).

As falas revelam as dificuldades que os docentes enfrentam(aram) no retorno às aulas presenciais; depois de voltarem para a escola, os professores notaram o desinteresse dos alunos pelas práticas corporais, o que ainda vem permanecendo. Isso resultou em certas dificuldades na prática docente, pois os estudantes estão resistentes a retornar ao ensino presencial, o que se reflete diretamente no processo de inclusão, justamente porque a evasão escolar está acontecendo com frequência (Silva; Sousa; Menezes, 2024).

De acordo com Oliveira, Silva e Silva (2020, p. 27), “[...] a educação se vê na urgência de reinventar-se para acompanhar essas transformações e, ao mesmo tempo, precisa pensar numa nova concepção da ação pedagógica, de sala de aula”. Desse modo, entendemos que o retorno às aulas precisa ser pensado sob uma ótica que nos permita enxergar os novos desafios na escola, sendo necessário olhar para as práticas corporais no seu interior como ferramentas para aguçar novamente a curiosidade dos estudantes nas aulas de Educação Física e despertar seu interesse, em virtude de serem dinâmicas e lúdicas; por meio delas, os estudantes apreendem valores que lhes permitam não apenas conhecer a si mesmos, mas também respeitar e conviver com a diversidade: “[...] através das práticas corporais, através das aulas

de Educação Física, a gente pode tentar trazer esse aluno de volta, resgatar esse aluno, tentar fazê-lo ter uma vida ativa novamente, participar das aulas [...]” (José).

Portanto, a inclusão de estudantes precisa estar presente em toda a esfera do ambiente escolar, mesmo que ainda haja alguns obstáculos a serem superados. Nativo fala sobre a questão: “[...] a inclusão na escola existe, mas ainda enfrentamos alguns jovens que não têm afinidade com as práticas corporais [...]”. Assim sendo, o docente destaca que apesar da inclusão na escola existir e da disciplina ser importante, algumas dificuldades decorrem do fato de os alunos não se identificarem com as práticas corporais e não compreenderem a relevância da EFE para sua formação.

Nesse sentido, a pandemia da Covid-19 impactou diretamente no retorno às aulas presenciais pós-isolamento social e deixou em evidência não apenas os problemas existentes na escola, mas também os novos, resultantes da falta de interesse e afinidade dos alunos pelas práticas corporais, o que impõe um desafio que pode limitar a prática docente.

O desinteresse relatado pelos professores pesquisados revela como as significações têm potencial para transformar as experiências que vivemos, sejam transformações que aumentam ou diminuem nossa potência de ser. Em outras palavras, a afetação vivida pelos estudantes modificou a forma como eles se relacionam com a realidade, na medida em que foram estabelecidas novas relações com o meio e consigo. Os dados nos permitem compreender como os estudantes se relacionam com o mundo social e como, ao significá-lo, o tornamos subjetivo, pois a relação entre o ser e o mundo é uma relação mediada pelos afetos: são os afetos que mediam a constituição dos sentidos.

Para Vigotski (2001), os sentidos demonstram motivos que impulsionam os sujeitos a agir, sua ação pode ser de atividade ou passividade e o que vai determinar se os sujeitos atuarão de maneira ativa ou passiva é a natureza de suas relações afetivas. Isso nos ajuda a compreender a passividade dos estudantes em relação às práticas corporais de EFE, pois a forma como eles se relacionam com esse tipo de atividade mudou em razão de como a realidade mediou a produção de afetos que

diminuíram sua potência de ser, ou seja, eles não produziram motivos para as práticas corporais de EFE.

Posto isto, cabe não apenas trazer discussões, mas também colocar em prática possíveis soluções para despertar o interesse dos alunos pelas atividades escolares; dessa forma, compreendemos que as práticas corporais contribuem no resgate dos estudantes para a escola, além da relação entre aluno e professor exercer papel importante nesse retorno, que pode ser um aliado para despertar o interesse dos educandos nas práticas corporais.

O indicador 5 — Relação aluno-professor pós-pandemia: via de troca, certas barreiras — evidencia a relação fundamental entre o estudante e o docente para vencer limites que a pandemia da Covid-19 trouxe para o ambiente escolar. É importante lembrar que o docente necessariamente precisa estabelecer vínculos afetivos positivos com seus alunos para que sua prática em sala de aula flua de forma saudável e respeitosa.

Nativo diz que “A relação é uma via de troca muito próxima [...]”. Compreendemos que a relação entre aluno e professor, além de ser uma troca de vínculo, envolve, acima de tudo, o respeito entre as partes, com o docente entendendo o papel do aluno e buscando métodos que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que o estudante entende o papel do educador em sua formação.

Para Nativo, o retorno das aulas presenciais, no contexto pós-pandemia da Covid-19, tem implicações sobre essas relações:

[...] infelizmente, pós-pandemia eles têm uma certa barreira, eles têm um certo obstáculo a ser superado pra voltar a dar mais atenção aos professores, ter respeito, porque esse tempo que passamos afastados eles perderam isso, na minha opinião, eles perderam essa relação de estar presente com o professor [...] (Nativo, 2023).

A fala expressa que há uma certa barreira nas relações entre os alunos e professores. Talvez o tempo em frente às telas, fora da sala aula tenha causado esse obstáculo, tornando a relação mais distante, principalmente em relação às práticas corporais que têm causado afastamento dos alunos. Desse modo, é necessário se

aproximar do aluno para que as práticas corporais sejam realizadas de forma a contribuir para as relações afetivas ou sociais.

Miranda (2008) destaca que é fundamental entender a relação aluno-professor, pois é necessário superar os limites profissionais e escolares para estabelecer uma relação de afeto dentro do ambiente escolar. De certo modo, essa relação de troca de vínculo nas práticas corporais no espaço escolar vai além dos conhecimentos pedagógicos; é a partir da aproximação entre eles que se pode superar os limites tanto nas práticas corporais quanto na convivência escolar.

As relações que os docentes têm com seus alunos se fazem presentes, mesmo havendo barreiras que ainda precisam ser melhoradas. Sobre isso, os docentes dizem:

Eu gosto de ser um professor presente, embora pegue muito no pé, mas a minha relação com os alunos é tranquila, graças a Deus tenho pouco tempo de atuação e pouco tempo de formação, mas eu consigo levar pra eles uma boa imagem como professor (José).

[...] só que ainda tem alguns pontos a serem melhorados, não com relação com o professor, mas sim, a atenção do aluno, do respeito e isso tá faltando (Nativo).

Essas falas contêm significações acerca da relação entre docente e alunos, em que o professor precisa estar presente no cotidiano escolar para levar uma boa imagem das práticas corporais, sendo necessária uma relação com os alunos, mesmo que ainda haja alguns pontos a serem melhorados como por exemplo, a atenção do aluno e afinidade com as atividades ofertadas pelos professores do componente curricular. Nessa relação, os docentes como pares mais experientes devem se permitir caminhar juntos com os estudantes, para que as atividades sejam realizadas de modo a garantir a formação. Freire (1996, p. 96) sugere que:

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas imaginações, suas dúvidas, suas incertezas.

Desse modo, entendemos que, com desafios a serem enfrentados, é necessário olhar para os limites e também as possibilidades da educação, especialmente a Educação Física no retorno às aulas presenciais pós-pandemia da Covid-19, que vem impactando o processo de inclusão de estudantes nas práticas corporais no ambiente educacional e que, conseqüentemente, causa efeitos negativos na participação e nas relações com os outros.

Esse último indicador coloca em evidência o valor das relações interpessoais no processo de significação, pois a relação com os outros pode ser fonte de afeto e, por conseguinte, mediar a produção de sentidos, o que colabora para que os estudantes produzam motivos para as práticas corporais. Dito de outro modo, as relações interpessoais consistem em mediações afetivas necessárias para que o ensino provoque o interesse do estudante em aprender.

As falas dos docentes em cada indicador permitiram-nos a possibilidade de ir além da aparência, permitindo explicar o fenômeno estudado a partir da apreensão de suas significações, sem perder de vista sua totalidade, além de nos dar novos horizontes para discutirmos com mais propriedade não apenas as práticas corporais da EFE, como também a forma como elas, mesmo com os desafios, podem contribuir para a inclusão no ambiente escolar.

Considerações finais

No retorno às aulas presenciais pós-isolamento social causado pela pandemia da Covid-19, identificamos impactos sobre o processo de inclusão de estudantes na escola. Nessa investigação, propusemo-nos a discutir significações de professores de Educação Física acerca do processo de inclusão de estudantes dos anos finais do ensino fundamental nas práticas corporais nesse contexto. Por meio de leituras, análises e interpretações com base no método do Materialismo Histórico-Dialético, consideramos que os resultados correspondem ao alcance do objetivo proposto.

Os indicadores sistematizados no núcleo de significação sintetizam como os professores significam o processo de inclusão nas práticas corporais, apresentando como limites a diversidade da realidade escolar atual, a falta de recursos didáticos, a dificuldade em trabalhar com pessoas com diferentes deficiências, a inclusão de

gênero e o desinteresse dos estudantes. Ao mesmo tempo, apresentam como possibilidades no enfrentamento desses limites o potencial da EFE como componente curricular, em especial durante as práticas corporais, a mediação do professor, que envolve as relações afetivas, bem como o apoio incondicional de toda a escola e dos órgãos públicos.

Consideramos que os resultados dessa investigação podem contribuir para o avanço do processo de inclusão, uma vez que identificam limites e possibilidades desse processo no contexto do retorno às aulas presenciais, o que sugere caminhos para uma possível superação.

No campo acadêmico, constitui-se mais uma fonte de pesquisa acerca do objeto estudado. É importante destacar que, em muitos casos, são realizadas diversas pesquisas com os sujeitos da escola, porém os resultados não são conhecidos pelos próprios gestores/professores. Neste estudo, é necessário olhar para a escola em seu interior e reconhecer os problemas existentes para avançar significativamente no processo de inclusão dos estudantes nas práticas corporais.

Este estudo tem como perspectiva possibilitar novos caminhos para que a inclusão nas práticas corporais da EFE seja ofertada de maneira a contribuir para a formação dos estudantes, com a esperança de que possam despertar a curiosidade dos demais pesquisadores dessa área de conhecimento e estimular mais discussões e soluções para o referido tema.

Por fim, ressaltamos a intenção de dar continuidade a investigação, realizar ampla divulgação por outros meios, de modo que esses resultados alcancem o maior número de leitores, especialmente os sujeitos envolvidos na pesquisa, e que essas significações possam contribuir para reflexões e ações no enfrentamento dos limites causados pela pandemia da Covid-19.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; ARANHA, Elvira Maria Godinho; SOARES, Júlio Ribeiro. Núcleos de significação: Análise dialética das significações produzidas em grupo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 51, e 07305, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147305>. Acesso em: 12 jan. 2024.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; CARVALHO, Maria Vilanir de Carvalho; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. Materialismo Histórico-Dialético: reflexões sobre pensar e fazer pesquisa em educação. *In*: AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; BOCK, Ana M. Bock. (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica e Educação**: Tecendo redes críticas e colaborativas na pesquisa. São Paulo: Cortez, 2020. p. 25-45.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão de Constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília: Conselho Federal de Psicologia. v. 22, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/QtcRbxZmsy7mDrqtSjKTYHp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2025.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **R. Bras. Est. Pedag.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNJkqq4zjP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 ago. 2025.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p.56-75 jan./mar. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053142818>. Acesso em: 13 ago. 2025.

AMORIM, July Roberta Santos; FONSECA, Michele Pereira de Sousa; BRITO, Leandro Teófilo de. "Bruna fechou o gol hoje": o futebol como tecnologia sexo política na Educação Física escolar. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 14, p. 88-109, 2022.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica**: uma perspectiva crítica em Psicologia. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015, p. 21-46.

BOCK, Ana Mercês Bahia; AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a psicologia da educação. *In*: AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia (Orgs.). **A dimensão subjetiva do processo educacional**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez. 2016.

BRITO, Jaíne da Silva; TEIXEIRA, Verônica Rejane Lima. Educação Inclusiva e o Papel do Professor / Inclusive Education and the Role of the Teacher. **Revista de psicologia**, [S. l.], v. 14, n. 52, p. 718–728, 2020. DOI: 10.14295/online.v14i52.2751. Disponível em:
<https://online.emnuvens.com.br/id/article/view/2751>. Acesso em: 13 ago. 2025.

CROCHÍK, José Leon; PEDROSSIAN, Dulce Regina dos Santos; ANACHE, Alexandra Ayach; MENESES, Branca Maria de; LIMA, Maria de Fátima Evangelista Mendonça. Análise de atitudes de professoras do ensino fundamental no que se refere à

educação inclusiva. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 565-582, set./dez. 2011.

FARIAS, Alison Nascimento; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; BENITES, Larissa Cerignoni. A análise de dados qualitativos em um estudo sobre educação física escolar: o processo de codificação e categorização. **Revista Pensar a Prática**, v. 23, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/57323>. Acesso em: 13 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, E. M. A. **Significações do professor acerca da inclusão escolar de alunos com deficiência no Ensino Médio**, 2018. 145 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2018.

KAHHALE, Edna Maria Severino Peters; ROSA, Elisa Zaneratto; SANCHEZ, S. G. Sobre o método. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; ROSA, Elisa Zaneratto (org.). **Dimensão subjetiva**: uma proposta para uma leitura crítica em psicologia. São Paulo: Cortez Editora, 2020. p. 115-156.

MACHADO, Roseli Belmonte; FONSECA, Denise Grosso da. Docência em Educação Física Inclusiva: esgotamentos vividos no contexto do ensino remoto brasileiro. **Educacion física y ciencia**, Argentina, v. 23, n. 3, e188, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4399/439968208008/439968208008.pdf>. Acesso em 13 ago. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar**: o que é? Por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MANZINI, Eduardo José. Recurso pedagógico adaptado e estratégias para o ensino de alunos com deficiência física. In: MANZINI, E. J.; FUJISAWA, D. S. **Jogos e recursos para comunicação e ensino na educação especial**. Marília: ABPEE, 2010. p. 117-138.

MARTINS, Ana Rita; SANTOMAURO. Eles podem inspirar a busca por soluções. **Nova Escola**. São Paulo, out. 2008. p. 58 - 61.

MIRANDA, Elis. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensino aprendizagem no contexto afetividade. In: 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós-Graduação. **Anais...** FAFIUV. 2008.

MOISES, Ronaldo Rodrigues; LOPES, Emmanuela. A Organização do Trabalho Didático da educação física em tempos de pandemia: alternativas inclusivas ante o isolamento social do estudante com deficiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, p. e-28986, 2022. DOI: 10.36453/cefe.2022.28986. Disponível em:

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/28986>. Acesso em: 13 ago. 2025.

MOURA, M. S. Q. **A formação da habilidade de identificar frações**: significações enunciadas por professoras dos anos iniciais do ensino fundamental na atividade docente, 2022. 261 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2022.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Existe espaço para o ensino de educação física na escola básica? **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 02, p. 119-135, jun. 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/152/138>. Acesso em: 10 jan. 2024.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de educação física. **Pensar a prática**, n. 11, v. 3, p. 303-318, set./ dez., 2008. DOI: 10.5216/rpp.v11i3.4344. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/4344>. Acesso em: 13 ago. 2025.

OLIVEIRA, Sidmar da Silva; SILVA, Obdália Santana Ferraz; SILVA, Marcos José de Oliveira. Educar na incerteza e na urgência: Implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Interfaces Científicas** - Educação, v. 10, n. 1, p. 25-40, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p25-40>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PAULA, Marcos Vinícius Guimarães de; KOCHHANN, Andréa. Práticas corporais de aventura na Educação Física Escolar e a inclusão da criança com deficiência. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 23, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15118>. Acesso em: 29 maio 2024.

PRONKO, Marcelo. Educação pública em tempos de pandemia. In: SILVA, Letícia B.; DANTAS, André V. (orgs.). **Crise e pandemia**: quando a exceção é regra geral. Rio de Janeiro: EPSJV, 2020.

SILVA, Ana Carolina Oliveira; SOUSA, Shirliane Araujo; MENEZES, Jones Baroni Ferreira de. Educação brasileira durante da pandemia Covid-19: a visão dos educadores. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 26, p. 1-23, 2024. DOI: 10.22196/rp.v26i1.7512. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7512>. Acesso em: 13 ago. 2025.

SILVA, Caroline Maciel da; MACHADO, Roseli; FONSECA, Denise Grosso da. Educação física e aulas remotas: um olhar para o trabalho com alunos com deficiência em escolas do Rio Grande do Sul. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021. DOI: 10.5216/rpp.v24.66039. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/66039>.

Acesso em: 11 jan. 2024.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 1. reimp. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos superiores. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Submetido em: 03-11-2024

Aprovado em: 23-06-2025